

FIM DE TARDE EM HAVANA

(dedicado ao meu querido **Myrson Lima** ... que me fez gosto pela escrita)

Este artigo foi publicado, em versão reduzida, no jornal O POVO, em 17/03/2015

Cheguei numa manhã de sábado. O sol caliente no aeroporto José Martí acolhia o bienvenido Constellation da Panair, um Lockheed bimotor. Eu chegava na ilha para um rendez-vous com Ernest, la generación perdida. Tinha sido apresentado a ele por um certo De La Rosa, empresário da dupla sertaneja Niva & Balta (de Guaraciaba), no concerto “Uma Parte” do extraordinário Nonato Luiz na BARCA (Bodega de Artes Raimundo de Chiquinha de Aracati).

Fiquei “mei capiongo” em não encontrar Ernest saguão, aquela barba Agua Velva, chapéu de palha de Itaíçaba e camisa Goiabeira de linho (com nervura). Liguei para o seu Motorola TA (Tijolão Analógico) mas a zoada era medonha em uma mesa ao lado. Ah! Pois era ele próprio e seu time de futsal: a inseparável Martha, Scott Fitzgerald, Salvador Dali, Wood Allen e mil mojitos à mão. Como quem “precisa de uma mulher a cada livro”, Ernest gargalhava com o Demócrito (técnico do time) sobre o “Meia Noite em Sobral”, produzido pelos irmãos Berg - Spielberg & Rosenberg (Cariri).

Para lavar o peritônio encharcado de mojitos, Ernest ofereceu-me uma caipirinha no quinto andar do hotel Ambos Mundos. Ao criticar a cama de solteiro do Don Juan, ele desconversou apontando o Pulitzer na parede, tinindo mais do que o Nobel de 1954. Quando fofoquei que o camarada Castro “estava de boa” com o companheiro Obama, Ernest riu e emendou: qual deles, o Minervino ou o Helano Castro? (risos). Ernest era do tipo que perdia um livro mas não perdia uma piada!

Em raro momento de distensão intelectual, falei-lhe da decepção da turma do camarada Giovanni, praia do Arpão, com a louca sina de alguns de seus compañeros brasileños “barca furada”. Além dos escândalos sem fim, incomoda o grude cerol (vídeo picado + araldite) pelo poder a qualquer custo e a nova retórica, pior do que o soneto: ruim com eles pior com os outros! ... “Neca de Pitibiriba”!

Afinal, minhas Carolinas não foram à Avenida da Universidade (época em que elas ainda pediam a benção) apenas por um País menos ruim. O País que foi às ruas pelas Diretas, deu a vez aos compañeros, estava atordoado novamente. Milhões de vozes nas ruas perguntando “Por quem os sinos doam”. A decência política era a promessa do sonho de outono!

Ernest levantou-se de sua cadeira de balanço no terraço. Deu lentas baforadas no Cohiba legítimo que lhe fora presenteado pelo seu xará de Sierra Maestra, enquanto observava o vermelhão do sol da Habana Vieja mergulhando lentamente no mar do Caribe ... qual um sonho esquecido de outono.

Obstinado como Santiago em o “Velho e o Mar”, ele que amou o que lhe era belo, que viveu mui intensamente sem temer a vida (ni la propia muerte), olhou pra mim, e aí ...

E aí o danado do Patek-Philippe despertou-me, roubando Ernest. Mas deixando-me um fim de tarde único em Havana.

Mauro Oliveira

Ex-aluno do **Curso de Redação Prof Myrson Lima** ... **“PERGUNTE A QUEM FEZ”**